

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
Etec Cel. Fernando Febeliano da Costa
Ensino Médio com Habilitação Profissional Técnica em Meio Ambiente

Catarine Bonfogo Furlan
Larissa Nicolly Pereira de Carvalho
Maria Eduarda Nunes Niza
Pedro Henrique Vieira Gomes

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE A PERCEPÇÃO DAS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS PELAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

PIRACICABA – SP
2025

Catarine Bonfogo Furlan
Larissa Nicolly Pereira de Carvalho
Maria Eduarda Nunes Niza
Pedro Henrique Vieira Gomes

**PRODUÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE A PERCEPÇÃO DAS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS PELAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Técnico em Meio Ambiente da Etec Cel. Fernando Febeliano da Costa, orientado pelos Professores Bianca Furlan Danelon e Rafael de Souza, como requisito parcial para obtenção do título de técnico em Meio Ambiente

PIRACICABA – SP

2025

Catarine Bonfogo Furlan
Larissa Nicolly Pereira de Carvalho
Maria Eduarda Nunes Niza
Pedro Henrique Vieira Gomes

**PRODUÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE A PERCEPÇÃO DAS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS PELAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso Técnico em Meio
Ambiente da Etec Cel. Fernando Febeliano
da Costa, orientado pela Prof^o Bianca
Furlan Danelon e Rafael de Souza como
requisito parcial para obtenção do título de
técnico em Meio Ambiente Data de
aprovação: __/__/____

FOLHA DE APROVAÇÃO BANCA EXAMINADORA

Prof.^(a) Bianca Furlan Danelon
Instituição Etec

Prof.^(a) Marisa Natalina Fulan Segá
Instituição Etec

Prof.^(o) Rafael de Souza
Instituição Etec

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi feito sobre um ponto de vista necessário, a preocupação frente a crise climática e a forma com essa afeta a população em situação de rua, principalmente a localizada na cidade de Piracicaba-SP. Considerando o aumento da frequência e intensidade de eventos climáticos extremos, como chuvas intensas, secas e ondas de calor, a pesquisa parte do princípio de que essa população, por estar em constante vulnerabilidade e exclusão social, é uma das mais afetadas por essas transformações ambientais. O estudo fundamenta-se em um referencial teórico que aborda tanto as causas e consequências das mudanças climáticas quanto a realidade social e estrutural das pessoas em situação de rua. A metodologia adotada combina abordagens qualitativa e quantitativa, com entrevistas dialógicas e a produção de um minidocumentário, proporcionando um espaço de escuta ativa às vivências desses sujeitos muitas vezes invisibilizados.

Palavras-chave: população em situação de rua; mudanças climáticas; minidocumentário.

Abstract

This course conclusion work was made in a necessary point of view, worried about climate crisis and the way homeless people suffer with this, in Piracicaba-SP. Considering the increase in frequency and intensity of extreme weather events, such as heavy rains, droughts, and heatwaves, the research is based on the principle that this population, due to its constant vulnerability and social exclusion, is among the most affected by these environmental transformations. The study is grounded in a theoretical framework that addresses both the causes and consequences of climate change and the social and structural reality of homeless individuals. The adopted methodology combines qualitative and quantitative approaches, with dialogical interviews and the production of a mini documentary, providing a space for active listening to the experiences of these often-marginalized individuals.

Keyword: homeless people; climate changes; mini documentary.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1: Níveis de dióxido de carbono na atmosfera	9
Gráfico 2: Idade dos entrevistados	21
Gráfico 3: Percepção das mudanças climáticas	24

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Foto da entrada do CentroPOP—Piracicaba	19
Fotografia 2: Foto de André, um dos entrevistados	19
Fotografia 3: Foto das folhas dos questionários disponibilizados	20

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Objetivos	4
1.1.1 Objetivos gerais	4
1.1.2 Objetivos específicos	5
2. DESENVOLVIMENTO	6
2.1 Referencial teórico	6
2.1.1 Reflexões sobre as mudanças climáticas	6
2.1.1.1 Impactos das mudanças climáticas	9
2.1.2 Reflexões sobre pessoas em situação de rua	11
2.2 Metodologia	15
3. PRÁTICA E RESULTADOS	19
3.1 Perfil social dos entrevistados	21
3.2 Concepções de meio ambiente e mudanças climáticas	22
3.3 Percepções cotidianas dos efeitos climáticos	23
3.4 Impactos na saúde física e mental	24
3.5 Estratégias de sobrevivência, abrigo e lado emocional	27
3.6 Relação com o estado e com as políticas públicas	28
3.7 Tentativas de resolução	30
4. CONCLUSÃO	32
5. Referências	34

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, encontra-se como população em situação de rua (PSR, como será abreviado nessa monografia) um grupo populacional heterogêneo, que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos/fragilizados e que sofrem da falta de moradia convencional regular (BRASIL, 2009) segundo a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR), no Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009.

Ademais, incluem-se aqueles que utilizam de espaços públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento. Não somente, mas também os que usam de unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Neste amplo conceito, essas pessoas se encontram em estado de vulnerabilidade social, que o IVS – Índice de Vulnerabilidade Social considera como um recorte da sociedade que se vê gravemente atingida pela escassez ou ausência de políticas públicas promovidas pelo Estado em relação a saúde, educação, renda/trabalho e infraestrutura urbana assim criando menos condições de garantir bem-estar e qualidade de vida (IVS, 2024).

Seguindo essa vertente, o artigo número 1, da Constituição Federal de 1988 estabelece a dignidade da pessoa humana como um dos direitos fundamentais da República. Isso implica que toda a política deve assegurar condições mínimas de vida digna, princípio que é violado no caso da população em situação de rua.

Dentro deste cenário, a visibilidade dessa parcela da sociedade e a atenção estatal a suas carências se veem impactadas por diversos fatores, como expresso de acordo com o Guia Inclua-Pop Rua, 2023 feito pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada):

“(...)características específicas que podem determinar as interações com os serviços públicos e, logo, impactar nos resultados obtidos. A apresentação de documentação civil básica e comprovante de endereço é uma exigência que comumente é feita para acessar algum serviço ou benefício e pode ser, para esse grupo, uma barreira ao acesso (...)”

Outrossim, se evidencia a carência de dados oficiais atualizados abordando a mesma, como por exemplo em todos os censos demográficos realizados historicamente pelo IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que restringe sua pesquisa a domicílios como referência. Segundo o Censo Municipal

População Em Situação De Rua (PSR) de Piracicaba-SP, por se encontrar fora das estatísticas oficiais brasileiras “o desenvolvimento de políticas públicas fica resumido à boa vontade do poder público municipal e da sociedade civil organizada, que conseguem, com muito esforço, conhecer esta realidade mais de perto” (OBSERVATÓRIO SOCIAL DE PIRACICABA, 2021) como também as pesquisas elencando dados estatísticos sobre ela.

Neste segmento, se concentra a contagem da população em situação de rua à nível nacional, realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) publicando em 2009 a pesquisa “Rua: Aprendendo a Contar”, que localizou 31.922 pessoas em situação de rua em diversas cidades do Brasil (CUNHA & RODRIGUES, p.9, 2009) excluindo as capitais que estavam realizando seus próprios levantamentos junto a essa população.

Implacavelmente, em agosto de 2023, o número de famílias vivendo em situação de rua em todo o Brasil apenas registradas no Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), do governo federal, chegou a 227.000, ou seja, esse número é apenas base das milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade pelas ruas de diversas cidades brasileiras (NATALINO, p. 7, 2024).

Especificamente sobre Piracicaba, cidade do interior paulista onde se concentram o estudo deste trabalho de conclusão de curso, segundo o IBGE de 2022 se estende pelo número de 423.323 habitantes. Entretanto, a população e situação de ruas não elencada sobre o mesmo órgão, se baseia por intermédio do Censo POP RUA de 2023, com base de 217.

Como observado, a falta de dados, pesquisas e registros atualizados sobre a PSR e suas vivências, necessidades básicas, formas de apoio acabam restringindo de muitos cuidados e assistências principalmente sobre um dos maiores males da sociedade contemporânea: as mudanças climáticas. De acordo com BRESCIANI (2025) “(...) evidenciam avanços no reconhecimento das desigualdades sociais como elemento estrutural da vulnerabilidade climática no município. No entanto, ambos apresentam lacunas significativas ao tratar da população em situação de rua.”

Nesse quadrante de escassez documental, as notícias de como vendavais e épocas de forte seca impactam casas e moradores de diversas cidades brasileiras são veiculadas a diversas fontes importantes, porém pouco se comenta sobre a população que já está em situação de rua nessa situação. Tal argumento é justificado por BRASIL no site Habitat para Humanidade, Brasil (2025):

“(...) 39% vivem em residências sem preparação para o calor extremo e 35% estão em casas incapazes de enfrentar tempestades e chuvas intensas. Sem contar que 43% estão em imóveis inadequados para lidar com enchentes e alagamentos.”

O número de indivíduos desse grupo que a muito cresce, se encontra refém de males cada vez piores, resultados de ações antrópicas que reforçam os sofrimentos dessa população de forma direta e indireta, como um dos exemplos da atual crise climática.

O termo “mudanças climáticas”, em destaque neste projeto e em milhares de artigos sociais e científicos, vêm advindo de ações humanas, como aquecimento global, potencialização do efeito estufa e a poluição, representando numa junção as maiores preocupações humanas em relação ao século XXI.

Registrado no texto de Bhandari, *et al.*, (2024) os danos ao meio ambiente observados neste início de milênio são rigorosos como o aumento do nível do mar, o degelo de calotas polares e a desertificação de diversas áreas, todos causados pelo colapso ambiental. Em decorrência os prejuízos sociais também são expressivos, como a perda de casas e estabelecimentos após tempestades e deslizamentos de terra, ou os danos e falta de recurso à vida por períodos de grande seca e estiagem.

Em referência a seca, segundo a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2024) “A insegurança alimentar causada pela seca aumenta o risco de má nutrição, atraso no crescimento e perda de peso e morte em crianças (...)”.

Já em relação as tempestades e deslizamentos, os prejuízos sociais são evidenciados pela Casa Militar – Defesa Civil do Rio Grande do Sul com 388.781 pessoas desalojadas pelas enchentes de 2024 na região.

Em união de todas essas mazelas, uma representativa parte dessa população é assistida por órgãos governamentais e privados, outra parte não. Essa desassistida é submetida a situações de grandes impactos na vida individual, sendo um deles a exclusão social aos que por intermédio de perdas acabam por viver em situação de vulnerabilidade nas ruas.

A proposta desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) vem em detrimento a essa falta de informações, assim preenchendo essa lacuna com uma pesquisa/entrevista dialógica e um minidocumentário com pessoas em situação de rua em relação as mudanças climáticas e o impacto nessa parcela, sendo assim uma abordagem inovadora e necessária sobre um tema tão complexo e multifacetado. A

escolha por este formato não apenas enriquece a pesquisa, mas também proporciona uma plataforma para dar voz àqueles que muitas vezes são invisibilizados nas discussões sobre políticas públicas e meio ambiente.

Como representado por Costa (2005, p. 3) os motivos que desencadeiam milhares de pessoas estarem nas ruas são diversos, como a perda de emprego, ordens de despejo ou questões familiares. Desse modo, as múltiplas e específicas vivências de cada indivíduo ou grupo, mesmo contendo pontos em comum necessitam de pesquisas mais assertivas em relação as experiências que passam em relação a vida nas ruas.

Essa heterogeneidade cria uma difícil interpretação das dificuldades passadas por cada um, porém baseado nas vivências perceptíveis e noticiadas de pessoas com residências perante a crise ambiental permitem um questionamento: Como estão e como dialogam com a sobrevivência essas pessoas que com reduzida ajuda vivem pelas ruas brasileiras?

No projeto, as questões buscam entender sobre o que essa classe acredita que sejam essas mudanças, como eles estão fazendo para sobreviver em meio a elas, se conseguem ajudas de residentes e órgãos políticos e finalmente, como acreditam que a população brasileira pode ajudá-los e como juntos aos residentes devem enfrentar essas mudanças.

Em suma, este TCC não apenas visa contribuir para o conhecimento acadêmico sobre as mudanças climáticas e sua interação com a população em situação de rua, mas também busca sensibilizar a sociedade sobre a importância da inclusão dessas vozes nas discussões sobre desenvolvimento sustentável. Através da combinação de uma metodologia cuidadosa e um compromisso ético com os participantes, espera-se que o minidocumentário não apenas informe, mas também inspire ações concretas em direção a um futuro mais justo e sustentável para todos.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivos gerais

Analisar a percepção da população em situação de rua em relação as mudanças climáticas por meio de entrevistas semi-estruturada com perguntas abertas e fechadas, além de apresentar as gravações e o resultado delas por meio

de um minidocumentário concentrando as falas e os entendimentos da PSR sobre suas vivências, o que entendem por meio ambiente, entre outros.

1.1.2 Objetivos específicos

- Selecionar áreas representativas para realizar as entrevistas;
- Questionar e entender as relações entre as mudanças climáticas e a PSR;
- Comparar as respostas obtendo um possível dado geral;
- Avaliar o impacto sofrido pela PSR;
- Criar um minidocumentário com os dados e entrevistas obtidas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial teórico

2.1.1 Reflexões sobre as mudanças climáticas

A mudança climática é um dos maiores problemas enfrentados por toda a humanidade. À medida que as temperaturas globais aumentam, efeitos devastadores, como o derretimento das calotas polares, causando o aumento do nível do mar, e o impacto das secas na capacidade de sustento das comunidades, significam que vastas áreas da Terra estão rapidamente se tornando inabitáveis. Segundo IPCC (Painel Intergovernamental Sobre Mudança Do Clima, 2023):

“(...) afetados (...) pela destruição de habitações e infraestruturas e pela perda de propriedade e de renda, saúde humana e segurança alimentar, com efeitos adversos relacionados ao gênero e equidade social”.

Com base no NATIONAL GEOGRAPHIC, no passado geológico, durante períodos de resfriamento global como o Quaternário, países próximos à linha do Equador, embora permanecessem relativamente mais quentes que outras regiões, também continham geleiras em áreas de maior altitude.

Foi a partir da Revolução Industrial que, segundo TRENDCLIMA (2025), a poluição passou a constituir um problema para a humanidade. É lógico que já existiam indícios de poluição, mas o grau aumentou muito com a industrialização e urbanização, e a sua escala deixou de ser local para se tornar planetária. Isso não apenas porque a indústria é a principal responsável pelo lançamento de poluentes no meio ambiente, mas também porque a Revolução Industrial representou a consolidação e a mundialização do capitalismo, sistema socioeconômico dominante hoje no espaço mundial. E o capitalismo, que tem na indústria a sua atividade econômica de vanguarda, acarreta urbanização, com grandes concentrações humanas em algumas cidades.

Em complemento ao repertório de mudanças climáticas, um trecho do texto de Blank (2015) vem com as previsões fornecidas por pesquisas que vão de encontro com esse projeto:

“(…) Os relatórios trazem previsões alarmantes, como, por exemplo, o aumento da temperatura média global entre 1,8°C e 4°C até 2100, o derretimento das geleiras e das calotas polares, a elevação do nível dos oceanos acompanhada de tempestades tropicais e de furacões. Para o Brasil, as previsões apontam que, na pior das hipóteses, o aumento de temperatura deve ser de até 4°C no interior do país e de até 3°C na costa. Para o extremo norte do planeta, as previsões são de que a temperatura deve aumentar 7,5°C, no cenário mais dramático. Quanto às chuvas, os relatórios indicam que o hemisfério norte deve ter um aumento de 10% a 20% no volume, ao passo que no hemisfério sul deve ocorrer a diminuição do seu volume, na mesma proporção.” (BLANK, 2015, p. 159).

Entretanto, ações antrópicas têm sido apontadas como importantes e negativos meios para uma alteração no paradigma climático. O esgotamento e a má gestão de recursos naturais ensejam uma produção exacerbada de gases de efeito estufa, o que acelera o aquecimento global.

O efeito estufa é um fenômeno natural, que segundo WWF (2025), mantém a temperatura da Terra adequada para a vida. Contudo, o aumento da concentração de gases como dióxido de carbono (CO_2), metano (CH_4) e óxido nitroso (N_2O), devido à ação humana, intensificou esse fenômeno, gerando consequências ambientais graves.

A crise climática apresenta-se como uma problemática global, necessitando, portanto, de esforços coletivos para contê-la. Nessa esteira, urge que a sociedade internacional pautе medidas concretas a fim de estabelecer limites na emissão de gases do efeito estufa, assim como uma descarbonização do modelo econômico, alterando o padrão de vida humano rumo a uma economia de baixo carbono.

Ainda com WWF, deve-se modificar radicalmente os padrões de consumo e produção da sociedade industrial, inaugurando um modelo de desenvolvimento sustentável a ser seguido por toda a coletividade. Em última instância, deve-se também reconhecer a finitude dos recursos e promover uma relação saudável com tudo que é natural, incluindo nesta categoria, a própria humanidade.

O clima mudou ao longo da história da Terra. Mas as causas naturais não podem explicar o aquecimento particularmente rápido do século passado.

Essa recente mudança climática foi causada pelos humanos.

Isso se deve principalmente à utilização generalizada de combustíveis fósseis - carvão, petróleo e gás - nas casas, nas fábricas e nos transportes.

WWF diz que quando os combustíveis fósseis são queimados, liberam gases com efeito estufa – principalmente dióxido de carbono (CO_2). Isso retém energia extra na atmosfera perto da superfície da Terra, fazendo com que o planeta aqueça.

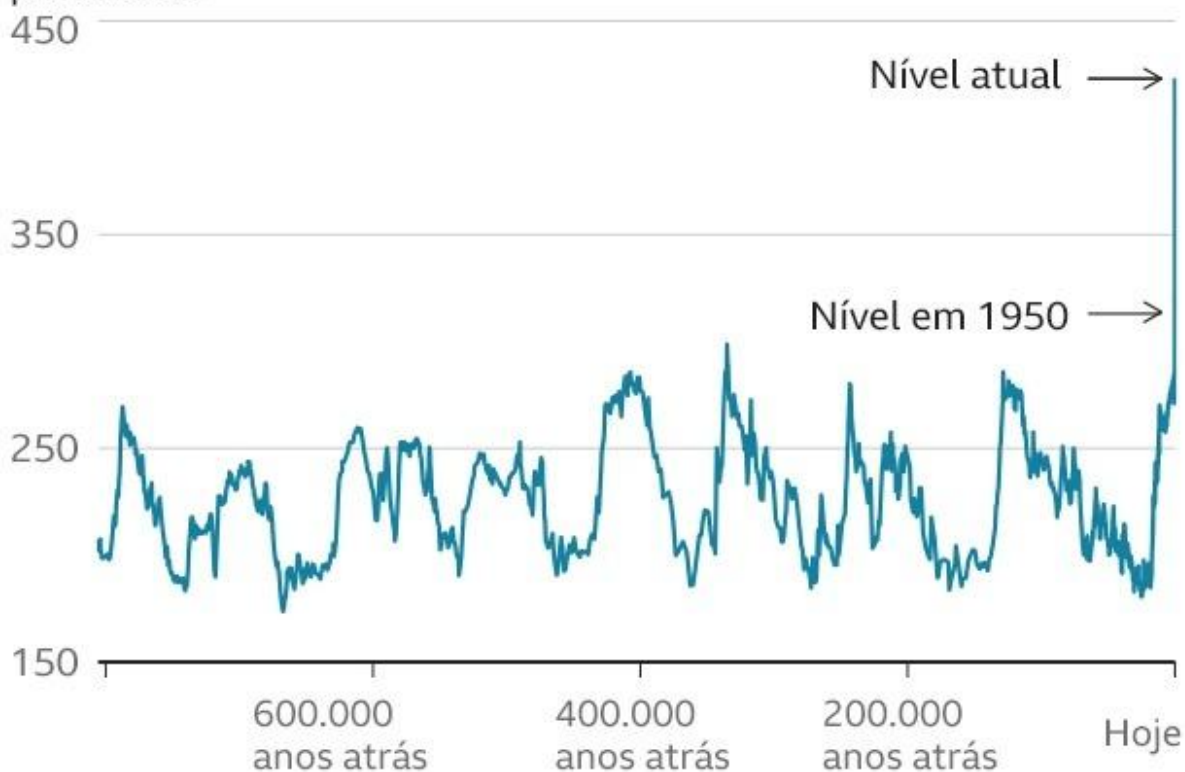
Desde o início da Revolução Industrial – quando os humanos começaram a queimar grandes quantidades de combustíveis fósseis – a quantidade de CO_2 na atmosfera aumentou cerca de 50%.

O CO_2 proveniente da queima de combustíveis fósseis também possui uma impressão digital química distinta. A liberação desses elementos aumenta duramente o impacto do aquecimento na atmosfera. Como descrito no gráfico a seguir, as emissões de CO_2 aumentam exponencialmente desde a primeira revolução industrial, alterando o clima da Terra.

Gráfico 1: Níveis de dióxido de carbono na atmosfera

Os níveis de dióxido de carbono estão mais elevados do que em qualquer momento dos últimos 800 mil anos

Concentração de dióxido de carbono na atmosfera, em partes por milhão



Fonte: NOAA/Bereiter et al., 2015



Fonte: BBC, 2023

2.1.1.1 Impactos das mudanças climáticas

Mas, afinal, quais são as consequências das mudanças climáticas? Segundo IPCC (2023) Alguns resultados das causas mencionadas anteriormente são:

- Aumento da temperatura média global;
- Perda de cobertura de gelo em regiões árticas, levando ao aumento do nível do mar;
- Mudanças nos ecossistemas (redução de fauna e flora, extinção de espécies, aumento de micro-organismos e vetores de doenças etc.);
- Desertificação, conseqüentemente tornando essas regiões inabitáveis;

- Alterações na produção de alimentos (a mudança de clima e de espaço para plantio altera a qualidade e a quantidade dos alimentos plantados);
- Variações no ciclo hidrológico (mais eventos climáticos extremos, como longos períodos de secas ou de chuvas muito intensas);
- Impactos na saúde e bem-estar (surgimento de problemas relacionados, como os problemas respiratórios decorrentes do excesso de gases e poluição na atmosfera);

Essas consequências são reflexos dos impactos causados ao meio ambiente e à sociedade. Quanto maiores as taxas de poluição, por exemplo, maiores os danos aos ecossistemas, biomas e à sociedade.

A fauna e a flora são prejudicadas, acarretando um processo de erosão e desertificação que ajuda a aumentar a temperatura média, por exemplo.

Além disso, a baixa umidade do ar, somada à alta concentração de poluentes, pode implicar em complicações respiratórias por causa do ressecamento das mucosas, provocando sangramento pelo nariz, ressecamento da pele e irritação dos olhos.

E as mudanças já estão acontecendo: segundo o IPCC, o caminho atual das emissões de dióxido de carbono na atmosfera pode acabar aumentando as temperaturas globais em até 4,4 °C até o final do século.

O ideal, seria limitar esse aumento para não mais que 1,5°C como forma de evitar mudanças ainda mais drásticas.

Nossas ações estão todas interligadas, gerando consequências diretas e indiretas para as mudanças climáticas.

Por isso, é importante saber identificar os problemas que estamos causando e, a partir daí buscar soluções para impedir a degradação total do meio-ambiente.

2.1.2 Reflexões sobre pessoas em situação de rua

A população em situação de rua é um fenômeno social antigo e complexo no Brasil, com raízes históricas profundas, e se manifesta de diversas formas ao longo do tempo. Neste país, como explicito por COSTA (2005) o fenômeno se acentuou após a abolição da escravidão, com a falta de políticas públicas eficazes para integrar ex-escravizados e outros grupos marginalizados. Atualmente, a população em situação de rua é caracterizada pela extrema pobreza, falta de moradia convencional e uso de espaços públicos com moradia resultado de uma série de fatores econômicos, sociais e psicológicos.

Essa realidade está diretamente ligada a desigualdades estruturais que limitam o acesso a direitos básicos como moradia, saúde, educação e trabalho. Um fator agravante é a fragilidade das políticas públicas de habitação que não conseguem atender à demanda por moradia digna e, assim, contribuem para o aumento do número de pessoas vivendo nas ruas.

Para os indivíduos, essa situação traz sérias consequências físicas e psicológicas. A exposição constante a condições climáticas extremas, à violência urbana e a falta de acesso a serviços de saúde são alguns dos desafios enfrentados. A desvirtude social e a discriminação dificultam ainda mais a reintegração dessas pessoas ao mercado de trabalho e à sociedade.

O fenômeno da invisibilidade social se manifesta na indiferença da população, na falta de políticas públicas eficazes e na estigmatização profunda dessas pessoas. Segundo o trabalho de pós-graduação em serviço social de Fraga (p. 127, 2023):

“A invisibilidade da PSR é fruto da construção histórica de uma representação social específica que aloca essas pessoas em uma posição de inferioridade tão acentuada que corresponde a um processo de desumanização”

De acordo Fraga, a desumanização dos moradores de rua é um fato alarmante que reflete a perda de empatia e o não reconhecimento da dignidade humana. A sociedade muitas vezes os marginaliza, tratando-os como invisíveis ou apenas como "um problema a ser resolvido", ignorando suas histórias de vida e a complexidade de suas situações. A desinformação, os preconceitos enraizados e as visões distorcidas

da pobreza contribuem para essa percepção negativa. Moradores de rua enfrentam obstáculos complexos como dependência química, transtornos mentais e sofrimento emocional, reflexo do estresse, da solidão e da precariedade. Cada pessoa tem uma trajetória única, muitas vezes marcada pelo desemprego e a ausência de uma rede de apoio, fatores que se entrelaçam e tornam a reintegração social mais difícil.

Fraga indica que as causas que levam à situação de rua são variadas, incluindo desemprego, pobreza extrema, rompimento de vínculos familiares, vícios, transtornos mentais e migração sem a devida estrutura de acolhimento.

A visão de que essas pessoas são culpadas por sua situação simplifica a realidade e mantém os estigmas que contribuem para a exclusão social. Essa exclusão é um reflexo das desigualdades do sistema capitalista, onde a riqueza e a miséria coexistem. De acordo com Natalino (p. 16, 2023):

“(...) quanto mais populosa a cidade, maior o número proporcional a PSR. Além disso, o grau de centralidade e dinamismo econômico do município exerce um efeito de atração de populações mais pobres que buscam sustento por meio de empregos precários (...) e sem meios para pagar uma moradia suficientemente próxima do local de trabalho, podem acabar em situação de rua”.

As políticas públicas para a população em situação de rua passaram por transformações no Brasil. A criação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em 2005 visou promover o acesso a serviços de acolhimento e apoio psicossocial. No entanto, a implementação dessas políticas enfrenta desafios como a falta de recursos e a fragmentação das ações entre os diferentes níveis de governo. A Política Nacional para População em Situação de Rua (BRASIL) foi criada em 2009 para proteger os direitos desse grupo, mas sua implementação ainda é prejudicada pela exclusão social e pelos estigmas.

Além da péssima infraestrutura existem uma série de dificuldades para os indivíduos, tanto do ponto de vista físico quanto psicológico. A exposição constante a condições climáticas adversas, a violência urbana e a falta de acesso a serviços de saúde são algumas das principais consequências da situação de rua. A desvirtude social e a discriminação, como dito por Fraga, tornam ainda mais difícil para essas pessoas se reintegrarem ao mercado de trabalho e à sociedade de maneira geral.

Outro impacto relevante é o aspecto psicológico, apresentado por BOTTI (2010), já que muitos moradores de rua enfrentam transtornos mentais e dificuldades emocionais, como resultado do estresse, da solidão e da precariedade da vida nas ruas. Cada pessoa em situação de vulnerabilidade conta com sua diferente trajetória, normalmente sendo consequência do uso de substâncias ilícitas, abandono familiar, perda de moradia como consequência de questões econômicas e sociais e outros diversos casos.

Tratando especificamente da saúde mental dos moradores, BOTTI (2010) afirma que, em geral, os problemas mentais maiores antecedem à condição de morar na rua, de forma que a condição precária de existência nesses contextos poderia exacerbar sintomas anteriores, podendo favorecer o aparecimento de outros transtornos e até mesmo de tentativas de suicídio.

Segundo a WHO (World Health Organization), em português Organização Mundial da Saúde (OMS), diversos fatores poderiam provocar transtornos mentais, estando entre eles: a pobreza, o sexo, a idade, os conflitos e desastres, a maioria das doenças físicas e o ambiente familiar e social conturbado.

Todos esses elementos, de uma maneira ou de outra, fazem ou fizeram parte da realidade das pessoas em situação de rua, em especial a pobreza, que é inerente a situação de quem tem a rua como “casa”.

Apesar do reconhecimento dessas situações simplesmente não ser capaz de resolver os problemas criados pela desigualdade social, COSTA (2005) argumenta que esse é um primeiro passo importante em direção a resolução de algumas das dificuldades enfrentadas pelas pessoas em situação de rua.

Se, por um lado, a vulnerabilidade social e econômica pode deixar os indivíduos mais expostos a estados de mal-estar expressos pela depressão, por exemplo, por outro, o aumento da densidade das redes de apoio social diminui o risco de sofrimento mental (BOTTI, 2010).

Vivemos em uma sociedade que julga e categoriza pessoas, situações, comportamentos, sem ao menos tentar reconhecer o que se passa do outro lado. As pessoas em situação de rua são também vítimas disso.

Com BRITO e SILVA (2022) medidas conjuntas, quebra de estigmas, compaixão, políticas públicas, preparo profissional; sem esses elementos o ciclo, do qual fazem parte os moradores, não vai se acabar.

Mudar a mentalidade de uma nação inteira não é simples, exigir mudanças estruturais dos governos também não, mas caso não tivessem havido lutas em prol dessas coisas em um passado não tão distante, não estaríamos onde estamos hoje.

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de 2023 estimam que a população em situação de rua já ultrapassa 281 mil pessoas, representando um aumento alarmante de 211% entre 2012 e 2022. Esse crescimento reflete uma tendência intensificada desde os anos 90, quando a falta de emprego e as más condições de vida levaram muitos a buscar moradias irregulares nas periferias. É fundamental que se reavalie criticamente a forma como a sociedade enxerga as pessoas em situação de rua para que se possa, de fato, reconhecer sua humanidade.

2.2 Metodologia

A metodologia adotada para o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consistiu na produção de um minidocumentário, empregando uma abordagem qualitativa e quantitativa na coleta e análise de dados. O objetivo central é compreender as perspectivas de indivíduos em situação de rua acerca das mudanças climáticas e da assistência oferecida por órgãos políticos.

A coleta de dados foi conduzida através do método dialógico, com uma predominância da abordagem qualitativa. Nesse sentido, foram formuladas perguntas abertas aos interlocutores, visando examinar em profundidade seus pontos de vista sobre o tema em questão, suas experiências e sentimentos. A escolha desta abordagem reside no reconhecimento da riqueza e complexidade das narrativas individuais e na busca por uma compreensão aprofundada das nuances das realidades vivenciadas.

Paralelamente à coleta qualitativa, buscou-se incorporar elementos quantitativos para complementar e contextualizar as informações obtidas. Nisso pode-se envolver a coleta de dados sobre o perfil demográfico dos entrevistados, o tempo em situação de rua, o acesso a serviços específicos e a percepção da frequência ou intensidade de eventos climáticos em suas vidas. A análise desses dados quantitativos permitiu identificar possíveis padrões e tendências que possam enriquecer a interpretação das informações qualitativas.

A condução das entrevistas observou-se rigorosamente uma postura de profundo respeito para com os participantes. A criação de um ambiente seguro e acolhedor é primordial para que os entrevistados se sintam à vontade para compartilhar suas experiências e percepções de maneira autêntica. Adicionalmente, todas as gravações foram efetuadas unicamente mediante o consentimento prévio e informado dos participantes, em estrita observância aos princípios éticos da pesquisa e ao respeito à sua dignidade e autonomia.

A relevância da metodologia dialógica, combinada com as abordagens qualitativa e quantitativa, para a coleta de dados que reside em sua capacidade de permitir que os entrevistados compartilhem suas vivências e entendimentos de forma genuína e espontânea, ao mesmo tempo em que possibilita a identificação de aspectos mais amplos e a busca por possíveis correlações. Ao formular questões que incentivem a reflexão crítica, o TCC almejou não apenas registrar opiniões isoladas,

mas também fomentar um diálogo que possa revelar as complexas nuances das realidades enfrentadas por pessoas em situação de vulnerabilidade, complementado por dados que ofereçam um panorama mais abrangente. Este enfoque metodológico contribuiu para uma compreensão mais rica e aprofundada das intrincadas relações entre as mudanças climáticas e a assistência social disponível, evidenciando a necessidade de políticas públicas que adotem uma abordagem mais empática, inclusiva e sensível às necessidades específicas dessa população, embasada tanto em narrativas detalhadas quanto em dados que contextualizem essas experiências.

Como base para as entrevistas, foi-se criado um questionário para fundamentalizar as perguntas às pessoas em situação de rua e documentar melhor os dados que serão obtidos. Nele contêm as respectivas questões:

I) Percepção da relação entre pessoas em situação de rua e as mudanças climáticas:

1) Você sente diferença em relação ao clima se comparado a anos atrás? Se sim, o que você acha que está acontecendo?

2) Como você se adapta em dias de extremo calor, chuvas fortes e noites frias? Você consegue abrigo facilmente?

3.1) Você se sente acolhido pela população residente e amparado pelas autoridades nesse contexto?

3.2) Se for, acredita que essas ações foram:

() Muito Eficientes () Eficientes () Pouco Eficientes () Indiferentes

() Insuficientes () Muito Eficientes

4) Você acha que o meio ambiente é importante? Necessário para a humanidade?

5) Já ouviu falar sobre mudanças climáticas?

6) Você sabe o que significa mudanças climáticas?

II) Sentimento relacionado:

7) Qual para você é a maior dificuldade em relação a sobrevivência (saúde básica, higiene, alimentação, saúde mental...)?

8) E nas situações extremas das mudanças climáticas, qual para você é a maior dificuldade em relação a sobrevivência?

9) Como é o tratamento da população residente para com vocês? Esse cuidado muda muito no momento de fortes chuvas e períodos muito quentes?

10) Sabe de colegas, familiares ou amigos que sofreram muito fisicamente ou psicologicamente nesses períodos?

11) Você sofre muito fisicamente nestas mesmas situações? E consegue melhorar depois facilmente?

12) Você sofre muito psicologicamente nestas mesmas situações? E consegue melhorar depois facilmente?

13) Em meio a essas situações, consegue se sentir confortável ou bem de alguma forma?

III) Resolução pública:

14) Você sabe qual órgão público responsável pelas pessoas em situação de rua?

15) Conhece ou já foi amparado pelo SMADS, SEAS e/ou Centro POP?

16) Tem algum político ou partido político que os ajuda com abrigo, necessidades básicas?

17) Existem ONG's que te aparam? Se sim, quais são?

IV) Tentativas de resolução:

18) O que você acha que a população residente pode fazer para te ajudar?

19) O que você acha que a gente pode fazer para frear as mudanças climáticas e preservar o meio ambiente?

V) Perfil do entrevistado:

20) Nome:

21) Idade:

22) () Homem () Mulher () Outro: _____

23) Cidade: _____ Estado: _____

24) Profissão:

25) Escolaridade:

() Nenhuma () Fund. Inc. () Fund. Com. () Méd. Inc. () Méd.com.

() Sup. () Graduação

26) Se não for de Piracicaba, a quanto tempo está na cidade?

27) A quanto tempo está em situação de rua?

28) Possui alguma fonte de renda? Qual?

Ademais, a postura respeitosa durante a realização das entrevistas é um elemento crucial para estabelecer um clima de confiança, no qual os participantes se sintam seguros para expressar seus pensamentos e sentimentos sem receios. A obtenção do consentimento prévio e informado reforça o compromisso ético do pesquisador em honrar a dignidade dos entrevistados, reconhecendo-os como sujeitos ativos e detentores de narrativas valiosas para a compreensão do fenômeno investigado, as quais serão analisadas em conjunto com os dados quantitativos para uma análise mais completa e integrada.

3. PRÁTICA E RESULTADOS

Para a aplicação desse método de pesquisa foram-se explorados 3 ambientes dentro da cidade de Piracicaba que visivelmente concentram ampla parcela da PSR: o Centro-POP (Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua) com uma entrevista coletiva e os arredores de praças centrais do município como a Praça da Igreja da Matriz (conhecida como Praça José Bonifácio) e a Praça Enéas Silveira Melo, ao redor do terminal central de integração, com entrevistas individuais.

Fotografia 1: Foto da entrada do CentroPOP—Piracicaba, 2025



Fonte: Dos autores

Essa fotografia advém dos autores sendo a fachada do CentroPOP onde foram se entrevistados 8 pessoas em situação de rua desta monografia.

Fotografia 2: Foto de André, um dos entrevistados



Fonte: Dos autores

Enquanto essa é a foto retirada do perfil de André, um dos entrevistados.

Fotografia 3: Foto das folhas dos questionários disponibilizados, 2025

I. Percepção da relação entre pessoas em situação de rua e as mudanças climáticas:

1) Você sente diferença em relação ao clima se comparado a anos atrás? Se sim, o que você acha que está acontecendo?

2) Como você se adapta em dias de extremo calor, chuvas fortes e noites frias? Você consegue abrigo facilmente?

3.1) Você se sente acolhido pela população residente e amparado pelas autoridades nesse contexto?

3.2) Se for, acredita que essas ações foram:

() Muito Eficientes () Eficientes () Pouco Eficientes () Indiferentes
 () Insuficientes () Muito Eficientes

4) Você acha que o meio ambiente é importante? Necessário para a humanidade?

5) Já ouviu falar sobre mudanças climáticas?

6) Você sabe o que significa mudanças climáticas?

II) Sentimento relacionado:

7) Qual para você é a maior dificuldade em relação à sobrevivência (saúde básica, higiene, alimentação, saúde mental...)?

8) E nas situações extremas das mudanças climáticas, qual para você é a maior dificuldade em relação à sobrevivência?

Fonte: Dos autores

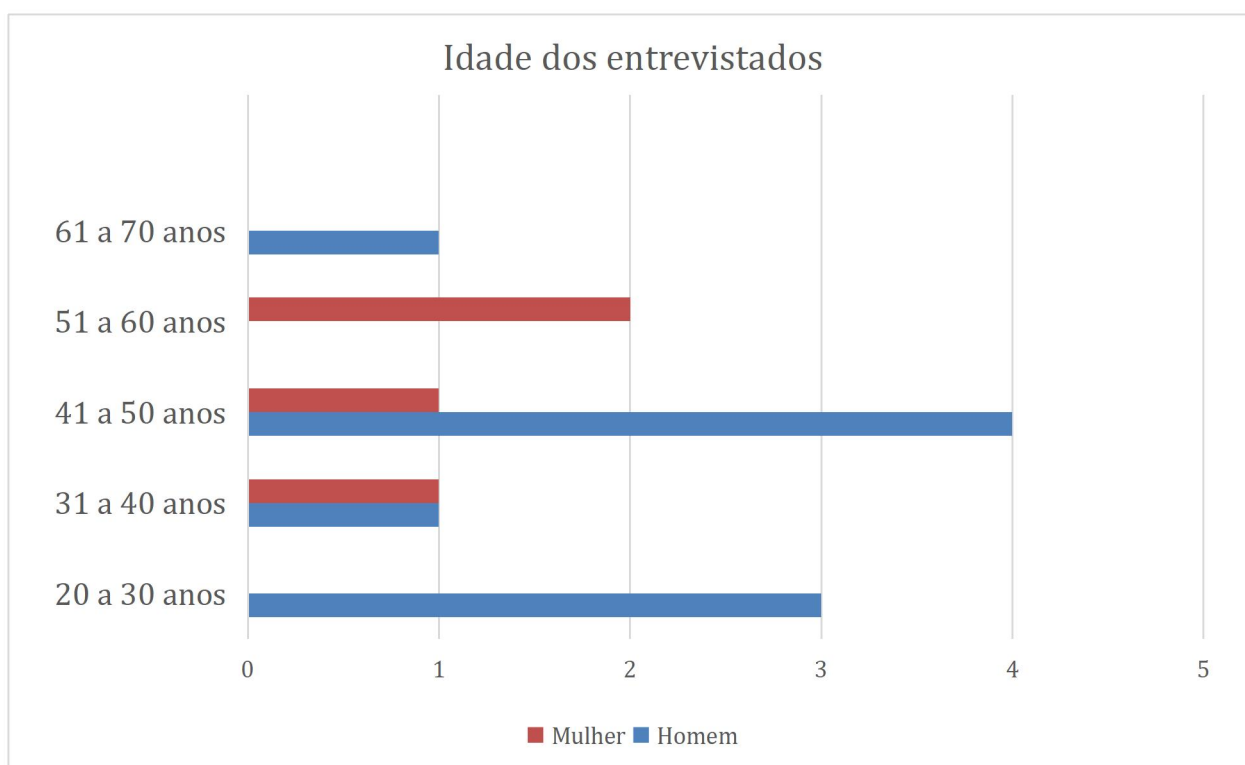
Por fim, esse é um retrato com as perguntas realizadas durante as entrevistas e que são discutidas durante esse trabalho.

Nesses ambientes foram se entrevistados integralmente 13 pessoas em situação de rua, porém com pequenas participações de mais 3 a 5 pessoas com pequenos comentários durante as filmagens. Sobre as pessoas questionadas, cada uma continha suas vivências que a cada pergunta fortaleceram mais a ideia do projeto, revelando sobre seu cotidiano, suas ações e pensamentos sobre o mundo contemporâneo em detrimento as mudanças climáticas.

3.1 Perfil social dos entrevistados

Em primeira via, foi-se necessário perguntas básicas de identificação como nome e idade, para um entendimento superficial da identidade dos entrevistados. Sendo essa pesquisa uma forma de evidência, em relação a idade, todos passavam de 22 anos chegando até 63 anos.

Gráfico 2: Idade dos entrevistados



Fonte: Dos autores

Sobre a faixa etária, sua maioria é marcada por estar na meia idade. Fortificando as questões identitária, esse é um dado interessante de ser entendido após 50% dos participantes terem revelado estar em situação de rua por resultado de

um período de reclusão, durante a sua juventude e parte da vida adulta, advindo de crimes, como exemplo de estelionato, contra a vida, de lesões corporais e contra o patrimônio, que só teve fim na cerca dos 30 anos de idade.

Em liberdade, todos esses revelaram que ou não tinham imóveis ou foram renegados de abrigo por suas famílias após a prisão e por conta das dificuldades para inserção no mercado de trabalho pela falta de oportunidades, não conseguiram custear uma moradia de antemão ou continuar bancando sem auxílio a moradia que alugavam, logo acabaram em situação de rua. Esse contexto social é importante porque aumenta a exposição direta aos efeitos climáticos extremos, já que a ausência de moradia os deixa sem proteção contra frio, calor e chuvas intensas, elementos centrais nesta pesquisa.

No que diz respeito ao tempo em situação de rua, a média chega a 2 anos e 8 meses, com um grande nível de variação, mas sendo o menor período de 6 meses. Seus contrapostos se encontram em um caso de 10 anos e o de um idoso de 63 anos que desde os 8 anos de idade entra e sai dessa situação de vulnerabilidade.

3.2 Concepções de meio ambiente e mudanças climáticas

Flexionando a apresentação de dados de uma forma mais coesa, de início precisa-se falar sobre os conceitos meio ambiente e mudanças climáticas. Perguntado o significado de meio ambiente e sua importância, os entrevistados apresentaram um consenso de que o meio ambiente é de extrema relevância para a humanidade e ele se encontra, segundo eles, na vida, nas árvores, nas plantas, na terra e no respeito aos animais e seres vivos.

Uma frase interessante surge com André de 43 anos em uma fala coloquial, quando a pergunta é feita este se manifesta com “Como não vai ser importante? Eu penso no futuro das minhas filhas, dos meus netos! (...) o bagulho cada dia está sendo destruído e o ser humano ta pagando o preço”. Só essas 3 linhas já revelam preocupações e entendimentos muito bem colocados: o meio ambiente como fonte e recurso que atravessa gerações, a ação humana sobre ele e os efeitos consequenciais desses atos.

3.3 Percepções cotidianas dos efeitos climáticos

Seguindo a fala de André é se perguntado sobre as mudanças climáticas, hora em que chocantemente para os entrevistadores, apenas duas pessoas em situação de rua revelaram não ter nem ouvido sobre o conceito, o outro grupo quando indagado apresentou - mesmo que em sua maioria não tenham terminado os estudos básicos - temas como aquecimento global, efeito estufa, degradação da camada de ozônio, desmatamento, devastação na Amazônia e meteorologia (palavras tiradas diretamente da escrita e da gravação audiovisual deles).

De forma mais destrinchada, 5 não quiseram se aprofundar respondendo apenas que já ouviram outras pessoas falar sobre o tema, e que entendem como o clima mais quente ou mais frio, chuvas muito fortes. Um deles até confundiu as mudanças no clima com as 4 estações do ano. Em contrapartida, 8 repercutiram entenderem de maneira superficial as mudanças climáticas como fruto das ações humanas contra a natureza, como o desmatamento, a atividade industrial, a poluição, o lixo descartado de forma irregular, entre outros.

Esses temas não foram dissecados com certo conhecimento na área, parecia que instantaneamente, ao questioná-los sobre, faziam uma costura mental entre os conceitos que apresentaram e suas outras formas de entendimento de mundo que assim preenchiem lacunas que o conhecimento científico poderia ocupar. Dessa forma foi instituída teorias conspiracionistas, técnicas de reparação de danos e outras demais.

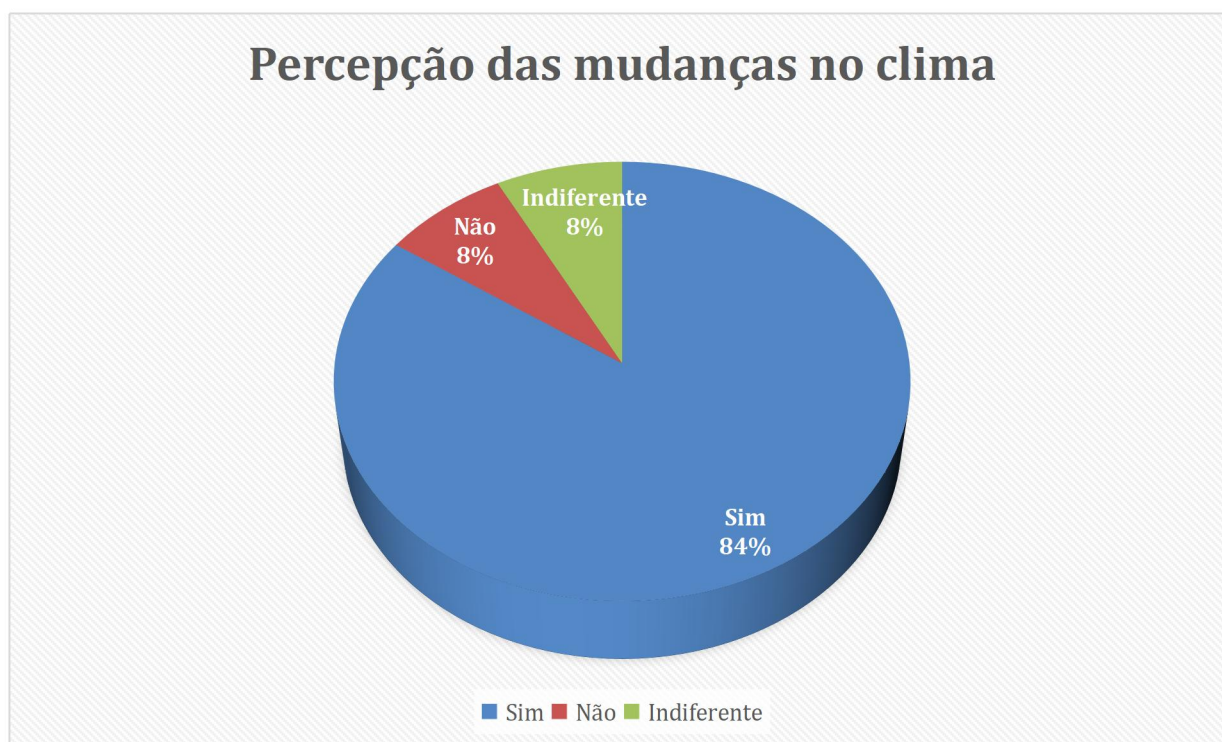
“A natureza está dessa forma, a tecnologia quer dominar tudo: fazendo chover onde não é, fazer calor onde não é, mexendo com o sistema (...) fora as antenas que mexem com as placas tectônicas, é o homem manipulando o tempo.” exemplo de resposta deixada por Mateus de 52 anos de idade. Misturando achismos, com senso comum e credices, os entrevistados mostraram uma linha de raciocínio muito interessante, que se voltava a uma questão primordial: a atividade exaustiva do homem sobre a natureza.

Essa mesma ideia é reforçada por todos os que discorriam no assunto, sendo tratada por alguns como o mal-uso da liberdade dada por uma divindade, como o destino já premeditado religiosamente e até mesmo como resultado da pura ganância humana atrás de controle e lucro. Todas essas ideias se bastavam na ação e reação

da natureza a todos os “mal tratos” já registrados, ligados a ações nem um pouco solícitas por parte da humanidade com ela.

Adentrando as questões nesse sentido, a percepção deles sobre as mudanças no clima, tanto com mais chuvas ou maiores períodos de seca ou frio desde que estavam fora desse ciclo de alta vulnerabilidade é relevante, tendo em vista que 8 responderam senti-la e sofrerem, ainda mais quando não estão no abrigo ou em local fechado, de forma violenta, impulsionando danos à saúde física e mental.

Gráfico 3: Percepção das mudanças climáticas



Fonte: Dos autores

Com esse gráfico se torna evidente como são perceptíveis os efeitos das mudanças climáticas na PSR.

3.4 Impactos na saúde física e mental

“No calor é trampo, mas a gente tem que estar preparado para tudo(...).” relato de um dos agregados a entrevista que desperta então os comentários de cada um, pois neste quadrante já começam a se apresentar os problemas do cotidiano reforçados pela crise climática.

Primordialmente, os problemas acarretados a saúde física são os mais apontados e discutidos sobre o estado de bem estar das pessoas em situação de rua,

entretanto o que tange a piora derivada das mudanças climáticas resulta em danos de maior escala. De acordo com o de Silva, et al., (2025):

“No âmbito dos extremos de temperatura, o risco de mortalidade aumenta com a intensidade ou duração das ondas de calor. Já a mortalidade relacionada a temperaturas frias é mais alta 2 a 3 semanas após a exposição, indicando um mecanismo de ação menos direto, incluindo doenças cardiorrespiratórias.”

A situação é alimentada e fortificada quando BRESCIANI (2025) ressalta que no Brasil, o atestado de óbito não possui um campo ou código que permita assinalar que a pessoa falecida estava em situação de rua, dificultando, ou mesmo inviabilizando a produção de dados sobre o tema.

Por esse caminho, já se foca o sofrimento da PSR em que a exposição aos extremos do clima é diária e cíclica, mas estes são apontados nos jornais e noticiários de forma pontuais com pouco fomento e dados. Entretanto, essas notícias já revelam a relações preocupantes alimentadas pelas mudanças climáticas.

No quadrante que trata dos problemas relacionados à saúde mental, destaca-se o relato de Daiane Cristina de Nascimento Silva, mulher preta de 43 anos que estava no CentroPOP. Ela narra um episódio vivido fora da Casa de Passagem — equipamento público que oferece dormitório para pessoas em situação de rua — quando precisou passar a noite ao relento. A experiência do frio extremo gerou intenso sofrimento físico e psicológico, a ponto de, segundo suas palavras, "desconectá-la de si mesma". Ao tomar consciência da situação, percebeu que já havia recorrido novamente ao seu maior vício: a bebida alcoólica.

Ademais, volta-se o foco a André de 40 anos, que se encontra em situação de rua ao redor da praça José Bonifácio após período de reclusão advindo de um crime contra a vida, diz que ao enfrentar as noites frias, a dor física causada pelas baixas temperaturas o faz recordar cada momento antes e durante a ação criminosa. Como um trauma, junto das imagens, vem o choro e o sentimento de culpa, fazendo-o não se dar por si — sentimento correlato ao da Daiane — levando a embriaguez. Ao relatar que ‘o frio gera dor e recordações traumáticas’, André expressa uma percepção do clima como agente de sofrimento e memória. Este ressalta a necessidade de um acompanhamento psicológico junto a um abrigo e uma oportunidade de emprego para atenuar esses problemas de ordem psicológica, que são reforçados pela exposição as mudanças climáticas.

Desta forma, pode-se ver como as mudanças climáticas fazem um efeito multifacetado sobre aqueles em situação de extrema vulnerabilidade, alavancando seus vícios, problemas de saúde mental, causando dores físicas, entre outros. O entrevistado Mateus suplica “Nós precisamos de um psiquiatra aqui dentro nem que seja para visitar nós (...) improvisar para nós um medicamento” ressaltando uma preocupação comum com a instabilidade psicológica de cada um.

Agora questionados em relação a abrigo durante momentos de extrema vulnerabilidade climática, alguns apontaram serem passíveis da casa de passagem, mas todos, sem distinção, relataram dificuldade de encontrar alternativas viáveis, declarando invadirem imóveis abandonados como antigos casarões da cidade, ou edifícios e casas ainda em fase de construção, sempre procurando o melhor dependendo da situação, mas em suma se *virando* onde e como conseguem. Evidencia-se isso quando Vitor Corrêia, homem negro de 28 anos, escreve no questionário: “‘Consegue’ abrigo é dificultoso a cada dia! Nos adaptamos a cada dia conforme o clima do dia a dia, a saúde é ‘a’ com certeza afetada.” Esse relato ilustra de forma clara como a percepção das mudanças climáticas está vinculada à busca diária por abrigo — um processo de adaptação constante diante de chuvas fortes, calor excessivo ou frio intenso.

“Não é só estresse, trauma é ficar na rua sem um amor, carinho, sem água(...)” fala advinda no contexto de impactos à saúde mental das pessoas que estão em situação de rua, o que piora devido as mudanças climáticas.

A situação é agravada quando 8 entrevistados não se sentem acolhidos pela população residente, nem pelas autoridades estatais, especialmente em momentos de extremos climáticos, quando a falta de apoio coletivo amplia os efeitos do frio, da chuva e do calor sobre essa população vulnerável. Em uma pergunta extra e fechada sobre esse mesmo tema, 11 apontaram como sendo indiferente as ações estatais e civis com eles. Dessa forma, a assistência recebida pela PSR fica à mercê da boa vontade e da empatia dos cidadãos para com eles (assim como já explicitado nesse trabalho).

Essas duas últimas questões foram portas para duas respostas antagônicas, mas que podem demonstrar linhas de pensamento muito interessantes. A primeira segue pelo olhar de um sofrimento constante: “Indiferente! A população não liga para a nossa situação”, nesse sentido a vítima - que sem dúvida alguma sofre nessa situação de vulnerabilidade - encontra a falta de empatia como um agravante para o

seu atual estado. Em contrapartida, uma resposta inesperada é destacada “‘É’ nós que temos que se adaptar aos tratamentos, eles estão trabalhando e nós é ‘amparo’”, como se o sofrimento em rua do entrevistado, não fosse tão relevante quanto o cotidiano de cada cidadão que o ajuda, que em sua visão, auxilia da maneira como “pode” e consegue em meio a rotina.

Esses contrapontos podem ser interpretados de diversas formas separados, mas em conjunto revelam algo: o não sentimento de pertencimento dessa população sobre o meio social. A primeira fala destaca o sentimento de não ser “visto” e a segunda o pensamento de não importância ante a sociedade que tem suas próprias atividades. Ambas demonstram a falta de inserção delas na sociedade, o que se reflete também na falta de apoio diante de eventos climáticos extremos. Assim, além de lidar com preconceito e exclusão, essa população sente-se desamparada em situações de frio intenso ou enchentes, onde o suporte social e estatal poderia mitigar os impactos das mudanças climáticas.

Essa percepção pode ter como uma de suas fontes de origem a carência de políticas públicas, como já apresentado nesse trabalho, que acaba segregando a PSR a margem da sociedade, que tem como únicas interações com civis as esmolas recebidas, os xingamentos proferidos e a indiferença que estagna a PSR a esse sentimento.

3.5 Estratégias de sobrevivência, abrigo e lado emocional

Entrando no que tange o sentimento relacionado dessa parcela populacional ao tema debatido, as maiores dificuldades relatada por eles são disparadamente a fome e o frio, ambos sendo apresentados juntos por 11 dos 13 entrevistados. Mas não somente, o preconceito e a violência policial se caracterizaram também como empecilhos no dia a dia desses vulnerabilizados.

Nessa mesma vertente, nos períodos de extrema mudança climática o frio novamente é apresentado, mas em conjunto a chuva se apresentam como grandes pedras no caminho desses, que na busca de abrigo como já relatado, muitas vezes encontram apenas formas de moradia precária, ou abertas sobre as laterais onde o frio livremente circula ou com partes/totalmente a céu aberto em que a chuva facilmente os atinge.

Nessa parte se abre um contraponto, embora bem registrado como a suporte básico contra a vulnerabilidade nas situações de mudança climática, os locais de abrigo público como CentroPOP e casa de passagem aqui são alvos de críticas devido a rigidez sobre o horário: “tem momentos que a gente não consegue ficar 24h presos nesses ambientes (...) perdemos os 15 minutos livres lá fora na rua como se estivéssemos no ambiente como presos (...) acabamos indo para a rua porque se torna um ambiente libertador para a gente mas traz benefícios maléficos para a gente” contrastando a liberdade da rua com as regras dos abrigos.

Sobre conhecer amigos ou familiares sofrendo fisicamente ou psicologicamente nesses períodos, todos afirmaram com frases de “a família só nos ajuda quando estamos bem”, “conheço e tão assim por não saber seus direitos e se omitir em procurar ajuda” e apresentaram casos como o que durante alguns períodos foram se relatados casos de furúnculo sobre a PSR, se espalhando potencialmente devido a exposição sem moradia previa e a falta de oportunidade de boa higiene.

Agora sobre a avaliação pessoal de sofrimento e melhora se expressam “Sofri sim, mas melhoro só com muito foco e esforço”, “o sofrimento é de todos vai do modo de reverter o quadro” e a mais impactante “quase morri, 3 Benzetacil”, revelando aspectos do sofrimento passado.

Para finalizar o quesito emocional, 50% dos entrevistados não apresentaram conseguir se sentir confortável ou bem de alguma forma, mas de maneira brilhante uma resposta é proferida: “A coisa, sim, que nos traz conforto é ser tratado com dignidade”.

3.6 Relação com o estado e com as políticas públicas

De início, o órgão público responsável pelas pessoas em situação de rua é respondido por todos os que estão nele localizados e até pelos que estão fora: CentroPOP. Percebendo então que este faz presença nas vivências dos entrevistados ou pelo menos já serviu de assistência para alcanço dos seus direitos.

Isso se evidencia na próxima pergunta se conhece o SMADS, SEAS e/ou CentroPOP com o último aparecendo em todas as respostas, do meio em 6 e o primeiro em apenas uma. Além disso se foi comentado sobre o SEDEMA e a Casa de Passagem.

Essa ótima interação também pode ressaltar uma dúvida: será que a centralização do suporte não gera lacunas no atendimento, especialmente diante de eventos extremos (chuvas, frio, ondas de calor)? Onde se faz presente a ação da secretaria da cultura e da educação por exemplo? Deixa-se por evidência então a necessidade de maior suporte de ordem estatal para a população em situação de rua.

Quando se foi perguntado de apoio por alguma autoridade política, a resposta imediata e espontânea de todos foi a abertura de um sorriso sarcástico, as vezes acompanhada de uma risada de canto, olhares entre laçados e as palavras derradeiras: “Não! Nenhum!”

Começa então na entrevista coletiva do CentroPOP uma conversa entre eles, marcada por “diz pra ele aí!”. Quando questionados, relataram com deboche: “Sabe qual foi a ajuda do atual prefeito? Foi acordar e tirar a gente da casa de passagem as 5 da manhã na semana passada porque ele foi fazer uma reunião as 6 horas. A gente foi acordado pelos funcionários de lá e mandados sair, no escuro, na névoa que tava e o frio”.

Só pelo sentimento debochado e sarcástico ao cair da pergunta já se revela uma descrença e um desamparo a essas pessoas em esfera política. Agora somada a essa ação infeliz por eles acometida, como fica o sentimento de despertecimento social já debatido? Como isso impacta a procura por ajuda, tanto civil quanto do governo, durante as situações de extrema vulnerabilidade climática?

Ademais, de forma explícita fica claro a negação estatal a essas situações de vulnerabilidade climática visto a expulsão sem peso na consciência daqueles que agora são expostos a névoa e ao frio. Se numa situação cotidiana a ação tomada se dá por essa, como deverá ser em momentos de extrema chuva, ou frio ainda mais latente?

Agora perguntado se ONG's ou igrejas os amparam, a resposta também foi negativa, levada com a fala “Tem uma igreja presbiteriana que veio no Centro-POP mas apenas entregaram papel (panfleto) e foram embora”. Com essa questão foi-se aproveitada então a pergunta “Qual a religião de vocês?” em que 6 comentaram ser evangélicos, 4 católicos e outros 3 que preferiram não comentar. Quando perguntado sobre a frequência, a resposta de todos foi “Estou afastado, mas quero voltar”, revelando distância entre o campo religioso e sua atual situação.

Agora se analisado, a falta de amparo político somada a quase ausência religiosa a essa população a de fazer preocupar as formas de superação e ideais de

segmento de vida dessas pessoas mesmo sem as bases mais utilizadas pela população civil: a religião e a política.

3.7 Tentativas de resolução

Aqui são divididas duas perguntas:

18) O que você acha que a população residente pode fazer para te ajudar?

19) O que você acha que a gente pode fazer para frear as mudanças climáticas e preservar o meio ambiente?

As respostas à primeira questão revelaram um conjunto diversificado em torno da dignidade humana e do direito à cidade. Entre os pontos recorrentes estão: oferecer abrigo, acolher, tratar com respeito, proporcionar oportunidades de emprego, evitar práticas desrespeitosas (como xingamentos) e, de modo geral, reconhecer a humanidade da pessoa em situação de rua. Tais respostas evidenciam que, na percepção desse grupo, a solidariedade não se resume a ações pontuais, mas se relaciona com uma mudança de postura social mais profunda, com respeito, inclusão e reconhecimento.

Já a segunda questão de ordem coletiva, em que os entrevistados se colocaram não apenas como vítimas dos efeitos das mudanças climáticas, mas também como sujeitos que pensam estratégias de enfrentamento. Suas falas ressoaram em torno da defesa do meio ambiente, destacando o fim do desmatamento, o cuidado com as árvores, a centralidade da proteção tanto da vida humana quanto dos (animais), bem como a necessidade de preservar recursos naturais como a água dos rios, dos mares e a qualidade do ar. Essa percepção revela que, mesmo em condições de extrema vulnerabilidade, existe uma consciência ambiental integrada ao cotidiano, na qual o equilíbrio ecológico aparece como condição de sobrevivência presente e futura.

Diante dessa pesquisa fica possível entender que as pessoas em situação de rua são uma das populações mais vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas, principalmente devido à sua exposição direta e constante a condições ambientais extremas. Conforme observado, as variações climáticas, como aumento e diminuição de temperatura, chuvas intensas e tempestades, afetam de maneira significativa a saúde física e mental dessa população.

Por intermédio de nossas pesquisas podemos observar que pessoas em situação de rua, na maioria das vezes, não conseguem abrigos adequados, o que os expõe a riscos aumentados em eventos climáticos.

Outro ponto relevante apontado foi a necessidade de mais avançada infraestrutura para o acolhimento dos moradores de rua. Estas existem, mas como frequentemente relatados necessitam de avanços como maior horário de disponibilidade para frequência deles, embora existam alguns abrigos temporários oferecidos por ONGs e programas municipais, estes frequentemente não estão estruturados para lidar com a quantidade crescente de pessoas em situação de rua, principalmente em épocas de extrema necessidade. A falta de camas, o espaço restrito e a precariedade das instalações agravam a situação de vulnerabilidade dessa população. Além da falta de um abrigo adequado, existe a dificuldade de adquirir um atendimento médico, decorrente da falta de profissionais da saúde disponíveis, falta de infraestrutura desses locais e até mesmo pelo preconceito estrutural.

Decorrente disso muitos têm desenvolvido estratégias de sobrevivência como buscar abrigos temporários em ambientes públicos como rodoviárias, postos de conveniência, marquises de prédios e outros espaços públicos. Porém essas alternativas não são ideais e muitas vezes aumentam os riscos de violência urbana e exploração.

4. CONCLUSÃO

Diante do cenário apresentado ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, evidencia-se que as mudanças climáticas não apenas representam uma das maiores ameaças à estabilidade ambiental do planeta, mas também agravam ainda mais as desigualdades sociais já existentes, atingindo com maior severidade os grupos em situação de vulnerabilidade, como a população em situação de rua. Este grupo, marcado por histórias singulares de perdas, abandono, desemprego e violências sociais, sofre cotidianamente com a ausência de políticas públicas eficazes e com a invisibilidade estrutural, que se reforça na falta de dados e pesquisas específicas sobre suas vivências — especialmente no contexto da crise climática.

Embora os efeitos das mudanças climáticas sejam amplamente discutidos nos campos científico e político, nota-se uma lacuna preocupante quanto à inserção das vozes das pessoas em situação de rua nesse debate. Pouco se fala, por exemplo, sobre como essas populações enfrentam longos períodos de seca, chuvas intensas, ventos extremos ou ondas de calor — eventos que têm se tornado cada vez mais frequentes e intensos, conforme demonstrado por estudos nacionais e internacionais.

Em conjunto, necessita-se ressaltar os danos à saúde mental - já fragilizada pela situação de vulnerabilidade – sendo alimentada de forma mais contundente pelos problemas ambientais. A chuva forte e o frio perturbador mostraram-se como principais vilões que cercam a PSR, os fazendo lembrar traumas e os levando aos contantes vícios como o álcool.

Além disso, a escassez de políticas públicas ou interações entre a PSR e as autoridades estatais levou a uma escalonação do sofrimento frente as mudanças climáticas anexado a uma descrença a ação política e a repulsa a oficiais do governo.

Nesse sentido, o presente trabalho buscou preencher parte dessa lacuna, utilizando uma abordagem metodológica baseada na escuta ativa e dialógica, por meio de entrevistas e da produção de um minidocumentário, dando espaço e visibilidade às experiências reais de pessoas em situação de rua da cidade de Piracicaba-SP. Essa proposta destacou-se não apenas por seu valor acadêmico, mas principalmente por sua relevância social e ética, ao colocar no centro da discussão aqueles que historicamente foram silenciados ou excluídos das decisões políticas e ambientais.

Dessa forma, é imprescindível que os debates sobre sustentabilidade e crise climática incorporem uma perspectiva mais humana e inclusiva, que leve em consideração as realidades daqueles que estão à margem da sociedade. A produção de políticas públicas ambientalmente conscientes deve necessariamente dialogar com políticas sociais integradas, voltadas à garantia de moradia, saúde, alimentação e dignidade para todas as pessoas — sobretudo as que vivem nas ruas.

Através deste trabalho, torna-se evidente que a crise climática é também uma crise de humanidade, em que a exclusão e o descaso agravam sofrimentos evitáveis. A escuta qualificada e o registro audiovisual não apenas enriqueceram a compreensão sobre os impactos climáticos vivenciados por essa população, como também reafirmaram a importância de construir caminhos coletivos e solidários de enfrentamento à crise ambiental, que não deixem ninguém para trás.

Assim, conclui-se que a inclusão das pessoas em situação de rua nas discussões e ações relativas às mudanças climáticas não é apenas uma questão de justiça social, mas também de responsabilidade ambiental e civilizatória. Reconhecer a dignidade desses sujeitos e suas vivências é o primeiro passo para transformações verdadeiramente sustentáveis, equitativas e humanas.

5. Referências

BHANDARI, P; WARSZAWSKI, N; COGAN, D; GERHOLDT, R. *O que são perdas e danos das mudanças climáticas*. WRI Brasil, mar. 2024. Disponível em: <https://www.wribrasil.org.br/noticias/o-que-sao-perdas-e-danos-das-mudancas-climaticas#:~:text=Perdas%20e%20danos%20podem%20ocorrer,acidifica%C3%A7%C3%A3o%20e%20saliniza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20oceanos>. Acesso em: 22 mar. 2025.

BLANK, D. M. P. *O contexto das mudanças climáticas e as suas vítimas*. Mercator, Fortaleza, v. 14, n. 2, p.157-172, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/SgzwvyFQvzynyM8ZhdtRzjr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2025.

BOTTI, Nadja Cristiane Lappann; CASTRO, Carolina Guimarães de; SILVA, Mônica Ferreira da; SILVA, Ana Karla; OLIVEIRA, Ludmila Cristina de; CASTRO, Ana Carolina Henriques Oliveira Amaral de; FONSECA, Leonardo Leão Kahey. Prevalência de depressão entre homens adultos em situação de rua em Belo Horizonte. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 1, p. 10-16, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/m9gFV8CjNf4bsJZFcKQv5gK/?format=pdf>. Acesso em: 27 nov. 2025.

BRASIL. Decreto nº 7053, de 23 de dezembro de 2009. *Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências*. Brasília, DF: Presidente da República, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 29 maio 2025.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988. *Emenda Constitucional nº 132, de 2023*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 08 set. 2022.

BRASIL, Habitat para a Humanidade. *Eventos climáticos extremos: causas e consequências*. Habitat para a Humanidade Brasil, 11 nov. 2024. Disponível em: <https://habitatbrasil.org.br/eventos-climaticos-extremos/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

BRESCIANI, L. P. *Políticas climáticas e vulnerabilidade urbana: o lugar da população em situação de rua*. *Agenda do Clima*. FGV. Disponível em: <https://agendadoclima.fgv.br/iniciativa/politicas-climaticas-e-vulnerabilidade-urbana-o-lugar-da-populacao-em-situacao-de-rua>. Acesso em: 26 nov. 2025.

BRITO, Cláudia; SILVA, Lenir Nascimento da. *População em situação de rua: estigmas, preconceitos e estratégias de cuidado em saúde*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 1, p. 151–160, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/7LPJ5Lk7TZkZSG9fnprTPyg/format/pdf?lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2025.

Casa Militar Defesa Civil do Rio Grande do Sul. Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS (10/6, 9h). Defesa Civil RS, jun. 2024. Disponível em: <https://defesacivil.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-10-6-9h-6671eb9e34066-6679e4a1759fd>. Acesso em: 25 mar. 2025.

CIDADANIA. *Famílias em situação de rua inscritas no Cadastro Único*. Disponível em: <https://aplicacoes.cidadania.gov.br/vis/data3/v.php?q>. Acesso em 10 jun. 2025.

COSTA, A. P. M. *População em situação de rua: contextualização e caracterização*. *Textos & Contextos, Porto Alegre*, vol. 4, núm. 1, dez. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3215/321527157003.pdf>. Acesso em 12 mar. 2025

CUNHA, J. V. Q. da; RODRIGUES, M. *Rua, Aprendendo a contar: Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua*, p. 9, dez 2009. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/livros/rua_aprendendo_a_contar.pdf. Acesso em: 5 ago. 2025.

FRAGA, P. *Universidade Federal de Santa Catarina Centro Socioeconômico -Cse Programa De Pós-Graduação Em Serviço Social*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/261484/PGSS0289-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GUERRA, S; QUEIROZ, B C de; SILVA, L S de S de O e. *As mudanças climáticas na sociedade global de risco: desafios para o direito internacional das catástrofes*. Revista de Direito da Unigranrio/AFYA, [S. l.], v. 11, n. 1, mai. 2021. Disponível em: <https://granrio.emnuvens.com.br/rdugr/article/view/6947>. Acesso em: 13 ago. 2025.

IBGE. *Piracicaba (SP), Cidades e Estados*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/piracicaba.html>. Acesso em: 06 jun. 2025

IPCC. *Relatório de Avaliação — AR6: Long Report (versão em português)*. [S.l.]: IPCC, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/copy_of_IPCC_Longer_Report_2023_Portugues.pdf. Acesso em: 26 nov. 2025.

IPEA. *Guia Inclua-Pop Rua, 2023*. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/GuiaIncluaPopRua.pdf>. Acesso em: 02 set. 2025

IVS. *Atlas vulnerabilidade social, 2024*. Disponível em: <https://ivs.ipea.gov.br/#/atlas>. Acesso em: 3 set. 2025.

NATALINO, M A C (2024) : *A população em situação de rua nos números do Cadastro Único, Texto para Discussão, No. 2944*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/290130/1/TD2944.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

NATIONAL GEOGRAPHIC. *Quaternary Period*. National Geographic. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/science/article/quaternary>. Acesso em: 26 nov. 2025.

OBSERVATÓRIO SOCIAL DE PIRACICABA. *PopRua – Censo Municipal População em Situação de Rua – 2021 / 2023*. Piracicaba: Observatório Social de Piracicaba. Disponível em: <https://observatoriosocial.piracicaba.sp.gov.br/relatorios/poprua/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SILVA, Iuth Homem da Costa; DOURADO, Anna Beatriz de Moraes; SANTOS, Maiara Tuani Silva dos; CORDEIRO, Millena Santos; ALVARENGA, Matheus da Silva; LIMA, Ramon Fraga de Souza. *O impacto dos extremos de temperatura na população em situação de rua: uma revisão narrativa*. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 11, n. 10, p. 4041–4060, out. 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/21764>. Acesso em: 21 nov. 2025.

TRENDCLIMA. *Impactos ambientais da Revolução Industrial*. TrendClima, 2025. Disponível em: <https://trendclima.com.br/impactos-ambientais-da-revolucao-industrial/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

UNICEF, Brasil. *Mais de 420.000 crianças são afetadas por seca recorde na região amazônica*. UNICEF Brasil, nov. 2024. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/mais-de-420000-crian%C3%A7as-s%C3%A3o-afetadas-por-seca-recorde-na-regi%C3%A3o-amaz%C3%B4nica>. Acesso em: 28 mar. 2025.

WHO. *Mental health — Risks and protective factors*. World Health Organization. Disponível em: <https://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs220/en/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

WWF Brasil. *Efeito Estufa e Mudanças Climáticas*. Disponível em: https://www.wwf.org.br/nossosconteudos/conceitos_/efeitoestufa_e_mudancasclimaticas/. Acesso em: 26 nov. 2025.